

A contradição de Serra

Luiz Alberto Weber
e Marina Oliveira
Da equipe do **Correio**

A crise não muda. As opiniões, sim. O candidato do PSDB à Presidência, José Serra, jogou no colo dos adversários a responsabilidade pelo nervosismo do mercado financeiro e pela disparada do dólar. Mas Serra, que acusa o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, de incoerência por ter mudado de opinião em relação a alguns temas de economia, também mudou.

Em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo* em 10 de outubro de 1989, o hoje candidato à sucessão de Fernando Henrique Cardoso fez questão de separar a campanha eleitoral e o crescimento das candidaturas de esquerda da então crise econômica.

No texto *A Progressão da crise*, Serra dizia que as explicações sobre o agravamento do quadro econômico eram equivocadas e desconstruídas. Naquela época, o termômetro da crise era, como hoje, a disparada do **dólar**. Naquele ano, Lula perdeu as eleições para Fernando Collor de Mello.

Treze anos depois, Serra critica os candidatos da oposição por sugerirem a reestruturação da dívida externa, discurso que alteraria o humor do mercado e aumentaria a crise. "Todas as vezes que se fala em sentar à mesa

para reestruturar a dívida, isso é calote", disse ontem à Agência Estado.

Coerente com o pensamento do governo de que a dívida pública é perfeitamente administrável, Serra elogiou a decisão do Banco Central de vender US\$ 100 milhões diariamente para conter a alta do dólar. Segundo ele, os vencimentos dos títulos da dívida (emitidos pelo governo) são distantes o suficiente para permitir honrar os compromissos. Adiar os prazos equivaleria, então, ao calote. Serra afirmou que defender a renegociação da dívida é "catastrofismo" e disse que seus adversários são "ignorantes" por dizerem que a dívida pública aumentou 11 vezes no governo Fernando Henrique Cardoso.

NO LIMITE

O único candidato a falar colocar o endividamento nesses termos foi o presidente da Frente Trabalhista, Ciro Gomes. Ele também defendeu claramente a reestruturação da dívida pública. Segundo o candidato, a dívida ultrapassou os limites do manejável e tornou a reestruturação imperativa.

TRECHO DE ARTIGO DE JOSÉ SERRA EM 1989

A explosão do dólar.../não se deve a um suposto crescimento, nas pesquisas, das candidaturas de Brizola ou de Lula. Invocar Lula.../...reflete ingenuidade ou simples astúcia política, para favorecer outra candidatura

Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, ficou a um passo de endossar a proposta de Ciro Gomes. O petista garantiu que irá honrar os compromissos do atual governo, mas afirmou que a

Dida Sampaio / AE



14 DOS 27 DIRETÓRIOS REGIONAIS DO PFL, COMO O DO PIAUÍ DE HERÁCLITO FORTES (D), ANUNCIARAM ADESÃO A SERRA

dívida pública passou dos limites aceitáveis. Lula tem sido chamado de incoerente por integrantes do PSDB que dizem que ele mudou radicalmente de posição em relação a assuntos econômicos. Mas esse não é privilégio de Lula.

MEIA-VERDADE

Segundo economistas ouvidos pelo **Correio**, Serra está com a razão ao apontar um exagero nos números usados por Ciro. Em valores absolutos a dívida pública cresceu, sim, onze vezes. Mas incluem compromissos de governos anteriores e também a inflação acumulada

do período. Em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), soma das riquezas produzidas, a dívida "apenas" dobrou.

Serra também acerta ao atribuir parte das agruras brasileiras aos problemas da economia norte-americana, segundo os analistas. Grandes empresas dos Estados Unidos deram o calote em seus acionistas e fornecedores e provocaram o pânico nos investidores. A queda nas bolsas reduziu o patrimônio dos grandes aplicadores. As empresas tiveram sua margem de manobra reduzida e fogem de negócios arriscados. O investimento em mercados emergentes como o do Brasil

são sempre menos garantidos do que a aplicação em economias desenvolvidas como a dos EUA.

O candidato do governo escorece, porém, ao comemorar os resultados do comércio exterior. É verdade que as exportações superaram as importações no acumulado dos últimos seis meses, em US\$ 2,6 bilhões. Mas o desempenho não está ligado a um crescimento das vendas brasileiras, e sim a uma queda nas importações. Um comportamento preocupante porque a desvalorização do real barateou os produtos nacionais sem, entretanto, aumentar de forma significativa as vendas externas.